

E-TERRITÓRIO: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE REDES SOCIAIS VIRTUAIS E MUDANÇAS TERRITORIAIS

Maria Cristina RANGEL¹

Celene TONELLA²

RESUMO

Ocupe Wall Street (nos Estados Unidos), Primavera Árabe (nos países do Oriente Médio e Norte da África), Jornadas de Junho (no Brasil) são megamovimentos sociais que saíram das redes sociais virtuais, como o *Twitter* e o *Facebook*, ganharam as ruas, foram colocados sob os holofotes da grande mídia e afetaram as relações de poder, as agendas políticas e os territórios. Entretanto, outros movimentos originados na internet, de menor porte e de repercussão mais local, estão dando novos arranjos aos jogos do poder e ao território regional. Nosso objetivo nesse artigo é fazer uma reflexão teórico-prática introdutória sobre o que denominamos como *e-territórios*, lugares virtuais onde pessoas com referenciais históricos, interesses territoriais, projetos regionais e construções de identidades comuns se encontram para dominar determinado território concreto. Esta ideia foi aventada devido ao uso da lista de discussão Lista do Cacau (cacau-l@listas.unicamp.br) como material discursivo durante a confecção de uma tese de doutorado. Os *e-territórios* “em nuvem” fazem com que os recortes territoriais reais adquiram novos componentes materiais e imateriais, de longe e de perto, irrompendo a necessidade de reflexões que possam desvendar as construções dos recortes geográficos na atualidade.

Palavras chave: Território. E-território. Redes sociais. Lista de discussão.

¹ Professora do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEM e Mestre em Geografia Humana pela USP.

² Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UEM. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-São Paulo, Doutora em História pela Unesp e Mestre em Ciência Política pela Unicamp.

E-TERRITORY: PRELIMINARY THOUGHTS ON SOCIAL NETWORKS VIRTUAL AND TERRITORIAL CHANGES

ABSTRACT

Occupy Wall Street (United States), Arab Spring (the Middle East and North Africa), June Days (Brazil) are mega social protests that came out of virtual social networks, like Twitter and Facebook, they occupied the streets, they were placed under the spotlight of the mainstream media and they affected power relations, political schedules and territories. However, other protests originated on the Internet, smaller and with local impact, they are causing new arrangements to power games and the regional territory. Our goal in this article is to do a introductory theoretical and practical reflection about what we call e-territories: virtual places where people with historical references, territorial interests, regional projects and constructions of common identities are together to dominate certain real territory. This idea was suggested due to the use of the mailing list List Cocoa (cacao-l@listas.unicamp.br) as discursive material during the preparation of a doctoral thesis. The “cloud e-territories” allow the real clippings territorial acquire new material and immaterial components, near and far, breaking the need for reflections that may unravel the constructions of geographical cutout today.

Keywords: Territories. *e-territories*. Sociais networks. Mailing list.

1 INTRODUÇÃO

Uma lista de discussão é uma pequena rede de comunicação em que pessoas, utilizando-se somente do endereço eletrônico da lista, enviam mensagens para todas as pessoas interessadas na discussão de uma temática e que se inscreveram naquela lista. Resumidamente, trata-se de uma discussão temática realizada por meio de correspondências virtuais. Essas correspondências eletrônicas são distribuídas por um programa de computador que, ao recebê-las, “consulta” a lista de endereço dos participantes e as envia aos destinatários (BÖHMERWALD; CENDÓN, 2003). Quando seus membros – os listeiros – possuem intencionalidades territoriais comuns, as listas de discussão podem desencadear novas lógicas e práticas espaciais, pois imbuem o território real das discussões e tomadas de decisões que ali ocorrem.

Quando nos deparamos com algo novo, sem a construção social de qualquer imagem mental precedente, costumamos recorrer a palavras e imagens fixadas pela repetição social, uma representação já conhecida para nos expressar. É assim no caso da rede usada como metáfora por vários autores (CASTELLS, 1999; HAESBAERT, 2010; LÉVY, 1999; RAFFESTIN, 1993; etc.), para explicar os fluxos e conexões entre os lugares possibilitados pelos meios de transportes e comunicação, principalmente a internet - "interconexão mundial de computadores" (LÉVY, 1999). Construimos processos (e nos imbuímos dos mesmos) de aligeiramentos, do fazer, agir, pensar na "modernidade líquida" (BAUMAN, 2005), o que, por sua vez, se expressa em novas formas de pensar-agir socialmente, inclusive (como não poderia deixar de ser) no que se refere às repartições espaciais, como é o caso do território.

A rede é um dos elementos constituintes do território, tornando o "território-zona tradicional" (HAESBAERT, 2007) mais poroso, sujeito a mudanças ao adquirir novos componentes materiais e imateriais, de longe e de perto. Suas linhas são análogas aos dutos pelos quais correm os fluxos de pessoas, mercadorias, conhecimentos, informações, ordens e desordens. Enfim, diversas interconexões entre os lugares. Os pontos ou nós são os "Locais de poderes, mas também locais de referência, cuja posição se determina de uma forma absoluta ou de uma forma relativa" (RAFFESTIN, 1993, p. 156), e geralmente são cidades. As redes, "sistema de linhas que desenham tramas" (RAFFESTIN, 1993, p. 156), podem ser concretas – redes rodoviárias, ferroviárias, marítimas – ou abstratas – redes ligadas às comunicações, como rádio, televisão, internet (RAFFETIN, 1993).

As interconexões em redes, que podem ocorrer simultaneamente em um mesmo território, trazem-levam continuamente concepções têmporo-espaciais, valores, formas diferentes de produzir, consumir, competir, construir identidades colocando-nos desafios para

refletir sobre as novas possibilidades de relações sócio-espaciais. Também novas formas de apropriação, domínio e produção social dos recortes territoriais, havendo, inclusive, a vivência de territórios virtuais (FRAGOSO; REBS; BARTH, 2010), que nós denominamos de *e-territórios*, onde pessoas com interesses territoriais comuns se encontram virtualmente e exercem suas territorialidades, no que Lévy (1999) chama de ciberespaço,

[...] novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Na Lista do Cacau, tendo o território da microrregião Ilhéus-Itabuna (ou região cacauífera sul baiana) como substrato de referência para as discussões em rede, os produtores de cacau constroem suas territorialidades e ao mesmo tempo exercem uma territorialidade no *e-território*, naquilo que: "Existe em potência e não em ato, existe sem estar presente", como afirma Lévy (1999, p. 74). O que nos obriga a incorporar relacionamentos entre as pessoas e os recortes espaciais por meio da construção de imagens mentais, sem referência com algo concreto. Ao mesmo tempo, não devemos ignorar que o que se passa em nível virtual pode ter suas correspondências no território mais ligado à terra.

A existência desse ciberespaço pode nos enganar, nos levar a construir a ideia de um espaço paralelo, virtual, acima das nossas cabeças. Essa seria uma das evocações mentais mais fáceis, porém estaria longe do esboço, da representação aproximada, do que é a intrincada relação entre esse ciberespaço, nada paralelo, e o território, pois o que acontece em um é indissociável do outro. Primeiro: a construção dessa realidade virtual não é alienígena, fora da sociedade humana, ou seja, é construída permanentemente por nós, de acordo com as intenções e possibilidades técnico-científicas de um tempo histórico (LÉVY, 1999). Segundo: o que acontece em um é imediatamente movimento no outro, "[...] como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel [...]" (HAESBAERT, 2010).

A rede virtual – como a internet –, sua existência, liga-se à sociedade que a produz, que tem em seu devir o objetivo de romper os obstáculos do tempo-espaço, voar nas asas do vento, ir para qualquer lugar, abraçar a Terra e dismantelar regulamentações, esparramar transformações sociais, criando múltiplas formas de ordenações em esferas abstratas, “em nuvens”, nem por isso menos real. Não só provoca mudanças, como é mudança em movimento, que também tem suas resistências. Ultrapassa os limites dos territórios “consolidados”, reais, dando-lhes outras dinâmicas, outras configurações, outras

possibilidades de apropriação do território. A territorialização das relações sociais não desaparece diante da aceleração do tempo dos fluxos de pessoas, mercadorias, dinheiro, informações, símbolos, signos, etc. Entretanto exige mudanças na forma de pensar-agir no espaço, que inclui aquilo que chega de forma avassaladora, e, como diz o músico Lenine (2011), em outro contexto: “Vem de qualquer lugar. Chega, nem pede licença. Avança sem ponderar”, muda o mundo das pessoas, chacoalha as bases tidas como sólidas do pensamento, impõe outros discursos de ordem, de tempo e de produção/representação do espaço.

É nesse contexto que se insere a lista de discussão Lista do Cacau, uma rede de comunicação que viabiliza o ciberativismo de um grupo de poder, formado e falado como um *e-território*, com suas territorialidades, lugar virtual de encontro, domínio e ação dos listeiros. Trata-se de um espaço de concepção lógico-territorial bem diferente do território entendido como substrato físico, com fronteiras e limites, *locus* das relações de poder (FOUCAULT, 2008; RANGEL; TONELLA, 2013b).

Trata-se de outra maneira de se pensar a produção do espaço, que acrescenta à imaginação o que não é morfocorpóreo, assumindo a força da onipresença (ou quase), criando metaforicamente o espaço como nuvens invisíveis pairando em nossas vidas, com limites que não são para serem ultrapassados, pois se formam no limite do pensamento, das possibilidades de territorialidades mentais de cada um. Sendo realidade virtual, corporifica-se no território real por meio, por exemplo, da participação e ações políticas por um grupo de poder, inclusive influenciando nas políticas públicas. O imaginado tomado como real, tornado real na dinâmica da sociedade. Território real, mesmo sendo virtual, porque apropriado e implicado de ações no mundo dos humanos.

2 CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO SURGIMENTO DA LISTA DO CACAU

Na região cacaueira do Sul da Bahia, há mais de 200 anos, predomina-se a monocultura do cacau voltada para o mercado externo (CHIAPETTI, J., 2009). Trata-se de *commodity*, produto de origem primária comercializado nas bolsas de mercadorias. É a partir desta região, usada como território, *locus* do exercício do poder, que os cacaucultores criam mecanismos e procedimentos para conseguir manter e ampliar o poder decisional e reputacional através da persuasão de que há uma crise com as mesmas consubstanciações e delimitações para todos.

Há uma tentativa por parte dos cacaucultores de tornar hegemônica uma crise

recortada temporalmente em 1989, consubstanciada pela introdução criminosa do fungo *Moniliophthora perniciosa* (antes chamado de *Crinipellis Perniciosa*) conhecido como vassoura-de-bruxa, pelo fracassado Plano de Recuperação da Lavoura Cacaueira Baiana (PRLC) (1995), realizado pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), e pelo insatisfatório Plano de Desenvolvimento e de Diversificação Agrícola na Região Cacaueira do Estado da Bahia (PAC do Cacau) (2008). Estes recortes de acontecimentos mexeram com os trunfos do poder local e possibilitou a irrupção de um discurso, dentre tantos outros possíveis, sobre a crise: invasões das propriedades por membros dos movimentos sociais dos sem terra, endividamentos, falências, desemprego, intensa mobilidade territorial da população no sentido rural-urbano e para fora da região, favelização, violência urbana e atribuição destes infortúnios à omissão do Estado na resolução da crise. É neste contexto que surgiu a lista de discussão Lista do Cacau, de onde os cacaucultores lutam contra os processos que os ameaçam de dissolução como grupo de poder, pois desacomodam os procedimentos e mecanismos de domínio territorial historicamente construídos.

3 CARACTERÍSTICAS DO E-TERRITÓRIO EXERCIDO NA LISTA DO CACAU

A seguir, apresentamos algumas das características do que denominamos de *e-território*, considerando como referência de reflexão a Lista do Cacau:

O virtual tornado verbo – a corporificação do *e-território* constitui-se em discussões contidas em correspondências eletrônicas – textos, gráficos, tabelas, sons, imagens –, mas não tem um substrato territorial imediato no sentido de solo, terra, com fronteiras e limites reais bem definidos. Os caminhos percorridos pelos *e-mails* são codificados, abstratos, eletrônicos, mas configuram-se como local de debates no ciberespaço. O virtual aqui não se opõe ao real, não é uma quimera, é também real. Como diz Deleuze (2006, p. 199): “O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual”; ou Lévy (1999, p. 48): “[...] ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. [...] O virtual existe sem estar presente”.

O imediatamente palpável do e-território – para a existência do *e-território* e sua correspondente territorialidade é imprescindível que o território real sofra alterações quanto à infraestrutura (cabos, dutos, torres, rádios, roteadores, satélites, servidores...), aos serviços e aplicações (MEIRA, 2013). Os lugares dos computadores – nas casas, nos escritórios – precisam

ser criados. Se bem que, com os meios móveis de conexão à internet sem fio (telefones celulares, computadores portáteis, *iPads*, *iPods*), até esse pequeno espaço está sendo destituído, dispensado. Em todo caso, para que exista o *e-território* é preciso utilizar-se de um computador conectado à rede mundial de computadores e criar, agir no ciberespaço no que for interesse, desejo, intenção de cada um quanto a um território real.

Limites e apropriação – os limites para permanecer na Lista do Cacau são: a) escrever na lista de acordo com os objetivos e normas de funcionamento da mesma; b) comungar das ideias dos "vigilantes da lista" – listeiros que acessam e escrevem para lista constantemente e apresentam suas resistências às ideias dissonantes, aquelas que consideram inoportunas, opostas aos seus objetivos.

Não são limites localizáveis, tornados sólidos, como os das fronteiras com bordas concretas, mas solidificados em ações sociais de territorialidade. No caso a) acima, se o listeiro abordar assuntos impertinentes aos objetivos da lista, pode ser advertido pelo administrador e mesmo deletado, excluído, se persistir. O mesmo pode acontecer quanto ao uso de xingamentos, exaltação de ânimos, difamações, constrangimentos. No caso b), o mecanismo de exclusão de alguns falantes não é a expulsão do listeiro, mas os ataques verbais consecutivos, as separações-rejeições, levam à autoexpulsão ou ao silenciamento – quando deixam de ser ativos na lista: distingue-se, separa-se e rejeita-se uma das partes neste tipo relação de poder (FOUCAULT, 1979). Portanto, os limites possuem bordas invisíveis.

Tempo sem rédeas – seu tempo é qualquer um, pois os listeiros podem enviar mensagens de qualquer lugar onde houver conexão com a internet, em qualquer momento, sem qualquer dificuldade por ser noite ou dia, fazer sol ou chover, ser hora do almoço ou jantar, de dormir ou acordar. Enfim, esse é um tempo que não obedece às regulamentações do tempo social da ação cotidiana, habitual, e nem ao tempo astronômico: dia, noite, perto ou longe – os listeiros podem acessar a lista a qualquer tempo-lugar.

Local-global – alguns membros são endógenos à região cacaueira e se ligam também por proximidade espacial, sentimental, afetiva, construções identitárias territoriais; outros são exógenos, moram longe, em qualquer local, ligados ou não por sentimentos de afetividade, com objetivos comuns, fazendo com que nesse *e-território* haja fluxo de informações procedente de diversas escalas de localização. Alguns se conhecem pessoalmente, outros nunca tiveram um *tête-à-tête* presencial. Na lista, são *animas* sem corpos, podendo estar em qualquer localização da

Terra. Como muitos listeiros vivem fora da região cacauera e, no entanto, participam ativamente na defesa de seus interesses ligados ao território, vivem a possibilidade de ligar-se afetivamente a vários lugares ao mesmo tempo – o lugar onde moram, o território da região cacauera, outros lugares com os quais se mantêm conectados. Neste sentido há a possibilidade da aglomeração de traços identitários a partir de territórios descontínuos, multifacetando e complexizando a interação indivíduo-sociedade.

Ciberativismo – neste *e-território* exercem o ciberativismo ou o ativismo político da realidade virtual. A lista é usada como ferramenta para convocar, aglutinar pessoas e instituições em torno de intencionalidades comuns ligados ao cacau e à região cacauera. Entre março de 2009 e novembro de 2010, estavam presentes na Lista do Cacau as seguintes instituições: Associação dos Produtores de Cacau (APC), Instituto Pensar Cacau (IPC), Sindicato Rural (SR), Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia (SEAGRI), Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), Instituto Cabruca (IC), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Biofábrica do Cacau, Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Central Nacional dos Produtores de Cacau (CNPCC), Instituto Floresta Viva (IFV), Ação Ilhéus (AI), Instituto Uiraçu (IU), Associação dos Pequenos Produtores Rurais (APPR), TV Santa Cruz, TV Mercado, WWI-Worldwatch Institute, Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Durante o período de análise da Lista do Cacau, citado anteriormente, surgiram as seguintes ações políticas dos listeiros visando mudanças territoriais: a) movimento de consolidação e fortalecimento da APC, criada a partir da lista, o Movimento APC1000; b) organização do Movimento 26 de Março; c) surgimento do Grupo Pensar Cacau, hoje IPC; d) criação do site Mercado do Cacau; e) movimento contra a reforma agrária e pela criminalização do MST; f) movimento de apoio ao Novo Código Florestal; g) movimento pela permanência do Secretário da Agricultura e Reforma Agrária do Estado da Bahia, Eduardo Salles, no cargo; h) movimento pela extinção da Ceplac; i) ações de combate à vassoura-de-bruxa; j) luta pelo cancelamento e negociações das dívidas dos cacaucultores; k) criminalização da crise cacauera, incluindo-se aí o feitiço do documentário “O nó – ato humano deliberado” sobre bioterrorismo; l) combate à vassoura-de-bruxa – união entre a técnica aplicada por Edvaldo Sampaio, Engenheiro Agrônomo e ex-funcionário da Ceplac e a pesquisa desenvolvida por Gonçalo Guimarães Pereira, professor na Unicamp.

Ágora pós-moderna (ainda sobre o ciberativismo) – a Lista do Cacau possibilita a

aproximação virtual entre os cacauicultores, agrônomos, administradores de fazendas ou empresas, pesquisadores, instituições e tem se tornado a Ágora (VELLOSO, 2008) pós-moderna, a praça, o lugar do debate político, a assembleia dos patrícios. Os megafones de convocações são mensagens áudio imagéticas e escritas, o que, por sua vez, potencializa e cria movimentos sociais no interior da Lista do Cacau, capazes de atar outros nós nas tramas do território na forma de institucionalizações de discursos carregados de pretensões homogeneizantes. Essa capacidade de aglutinação, mobilização, criação de movimentos sociais em rede, entre outras ramificações, muda a forma de espacialização das relações sociais, criando os territórios da realidade virtual, acoplados a outras territorialidades. Simultaneamente a isso, desencadeia transformações no território real, aquele ligado à terra, aos limites, mesmo que fluidos, criados pelos jogos de poder. É como se pairassem sobre territórios reais outros tantos *e-territórios*, com suas infovias, os caminhos eletrônicos, um influenciando no outro, num vaivém de difícil identificação do fio da meada, de onde começa um e termina o outro. É a intercambiação entre o virtual e o real, entre os acontecimentos, movimentando o espaço, criando outras realidades de referência, desencadeando novos eventos, num processo contínuo, com infinitas possibilidades de articulações. Afinal: "A realização desses atos de comunicação e debates, que reúnem virtualmente indivíduos territorialmente distantes, é um primeiro passo para influenciar, mesmo que indiretamente, os processos de tomada de decisão" (DOIMO; MITRE; MAIA, 2007, p. 109).

Motivação – o grupo de poder que se encontra no *e-território* da Lista do Cacau está se sentindo ameaçado, e para se proteger, além de lutar para não perder o domínio territorial de outrora, está costurando uma história identitária comum (RANGEL; TONELLA, 2013a): a dos herdeiros dos desbravadores, conservacionistas, responsáveis pela riqueza regional do passado e vítimas do crime biológico da vassoura-de-bruxa (ARAÚJO, 2012). Isso lhes confere pré-disposição, motivação, impulso maior para participar da lista, tornarem-se ciberativistas. Na lista a representação política partidária não é o enfoque, mas a participação como meio de se obter e produzir informações, conhecimentos e poder, formas de tomada de decisões embasadas em alinhavamentos discursivos intencionais.

O *e-território* tem sua face de materialidade e é, ele próprio, também real em nosso pensamento e nas conexões das linhas de sua rede que nos abarcam, mandam ordens, mudam nossas vidas. O dizível e o não-dizível (mas remissivo, verdadeiro *links* com outras ideias), na Lista do Cacau tornam-se também visíveis no território da região cacaueira da Bahia. As escalas que compõem a forma como comumente organizamos o espaço, como exemplifica Frémont (1980), em conchas de proteção que despertam sentimentos de familiaridade, aconchego,

segurança, pertencimento – construídas e ampliadas com o tempo social de existência (idade) –, como a casa, o quintal, rua, bairro, cidade, município, região, Estado, país, continente, mundo, são tornadas porosas. São ultrapassadas sem cerimônia. Independentemente de onde estejam os listeiros, estes podem alimentar a lista com ordens discursivas, compartilhar e produzir conhecimentos científicos, técnicos, políticos sobre o cacau e mesmo enviar/receber dinheiro para financiar movimentos sociais, o Movimento 26 de Maio.

Romper essas escalas mais familiares por meio da lista ou de outras ações virtuais não implica anulá-las, mas incrementá-las, trabalhar com outros arranjos, lidar com misturas, não só em termos de aproximação virtual dos lugares (HARVEY, 1993), como também com a conexão com ritmos de tempos sociais múltiplos. O mundo chega a casa via os meios de comunicação e transportes, a região impõe-se ao mundo e assim por diante. A vida se torna marcadamente multiescalar. O longe está muito além do horizonte e definitivamente não dá para ir a pé, mas dá para ir instantaneamente. O que acontece para além do horizonte é cada vez mais difícil ignorarmos ou não sermos por ele afetado, mesmo que não saibamos nem de onde vem esse acontecer: “[...] a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada” (SANTOS, 2003, p. 24) contribuem para alçar nossos pensamentos e sentimentos (e práticas) para a vivência da unicidade do mundo, mesmo que muitos não tenham acesso aos meios técnicos de conectividade imediata, como a internet.

Assim, os listeiros podem estar em qualquer lugar da Terra e afetar o território da região cacaueira com suas presenças conectivas virtuais, que se desdobram em espacialidades bem concretas. Vivem simultaneamente pelo menos duas qualidades de tempo: a) o tempo lento das distâncias, dos transportes materiais de pessoas e mercadorias, daquele que causa cansaço físico ao caminhar, das ações de cada indivíduo; b) o tempo da instantaneidade, que anula as distâncias, impõe outros ritmos, acelera processos, rompe barreiras, faz pouco caso dos limites, possibilita múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2005). Enfim, a técnica da informação “[...] tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico” (SANTOS, 2003).

A seguir apresentamos um quadro-resumo das principais dimensões organizacionais, temporais e espaciais da Lista do Cacau.

Dimensões	Variáveis	Especificações
Dimensão organizacional	Atores sociais	Cacaucultores - grupo social de poder
	Origem	Política e espontânea – instrumento de organização de um grupo de poder.
	Natureza dos fluxos	Informações técnico-científicas, políticas, econômicas, sociais, culturais.
	Função	Realização dos objetivos de um grupo de poder. Fazer com que suas ordens cheguem à população e ao Estado.
	Finalidade	Instrumento de organização de um grupo de poder. Ciberativismo.
	Existência	Real/virtual – parafernália técnico-científica e informacional, trocas eletrônicas de correspondências, constituição de um <i>e-território</i> .
	Formalização	Formal – “hospedada” em uma instituição de ensino, pesquisa e extensão – Unicamp.
Dimensão temporal	Duração da rede	Imprevisível. Já dura mais de 14 anos.
	Velocidade dos fluxos	Instantânea – as pessoas podem receber as mensagens no momento em que são enviadas.
Dimensão espacial	Escalas	Múltiplas, mas tem como referência territorial em seus falares e objetivos principalmente a região cacaujeira do Sul da Bahia.
	Forma espacial	Abstrata/concreta – existe em potência e real. Imersão ao mundo virtual por navegação via internet. Concretiza-se nas obediências e resistências às ordens enviadas através dela ao território regional. Os discursos que ali encontram ressonância podem transformar-se em instituições, a exemplo da APC e IPC ou destruí-las, como tentam fazer com a Ceplac.

Quadro 1. Dimensões, variáveis e especificações da Lista do Cacau

Fonte: Adaptado de CORREA (1997, p. 107-118)

4 PERCURSOS FINAIS

Megamovimentos sociais saídos das redes sociais via internet, exemplos de irrupções de acontecimentos que tornam os territórios tidos como consolidados, em fluídos, sujeitos às múltiplas relações de poder, gerando conflitos, deixando submergir

vozes dissonantes aos poderes hegemônicos e fazendo com que alguns conceitos de “leitura do mundo” percam operacionalidade ou incorporem novas variáveis. Neste sentido, as reflexões sobre o *e-território* presentes neste artigo visam trazer à discussão a possibilidade de enxergarmos nos territórios “reais”, a intercambiação entre o poder das relações que ocorrem nos territórios eletrônicos, não só as mobilizações sociais em torno de reivindicações amplas (transporte coletivo gratuito e de qualidade, melhorias na saúde, educação, combate à corrupção nas esferas públicas e privadas) mas também as restritas, como as dos cacauicultores do Sul da Bahia, que querem, entre outras coisas, a anulação das dívidas públicas contraídas por eles, por considerá-las injustas e o poder de continuar a comandar o território regional. Para Foucault (1979), todas as relações pressupõem poder, mas os mecanismos de poder não são únicos para todas as relações. No que se refere ao território é preciso, em cada contexto histórico-geográfico, identificar os sujeitos, os meios, as intencionalidades, os trunfos em jogo, as mediações territoriais para que determinados grupos possam ter poder de decisão e reputação que lhes garantam obediência e domínio sobre recortes socialmente delimitados. Neste sentido, é preciso estar atento às listas de discussão, às relações virtuais – a vida está ocorrendo em rede – que possam despertar imagens associativas com o território real e possam também tornar-se reais.

O *e-território* das grandes corporações, legalizadas ou não, produz transformações radicais quanto aos trunfos, dentre eles os recursos naturais, inclusive a matéria cacau, produzida pelos do local, feita chocolate pelos de fora, como os Estados Unidos, Suíça, Holanda, que determinam de longe o quanto, como, com quais intenções esse recurso deve ser extraído, transportado, modificado, consumido. Afinal, o cacau produzido na microrregião Ilhéus-Itabuna como monocultura, não se destina aos do local de produção, mas se realiza como mercadoria em múltiplas escalas – países, continentes. Há, portanto, uma sobreposição de relações escalares por meio dos *e-territórios* produzindo configurações territórios reais.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Dilson. Documentário. **Terrorismo biológico do cacau. O Nó – ato humano deliberado.** O registro histórico da introdução criminosa da doença vassoura-de-bruxa nas plantações de cacau do sul da Bahia. Pesquisa, roteiro, produção e direção de Dilson Araújo. Roteiro de edição, montagem e finalização de Henrique Filho. Direção de fotografia Isaías Neto. Região Cacaueira da Bahia. Ilhéus, 2012. (70 min.).

BAUMAN, Zygm Zygmunt. **Identidade [Entrevista a Benedetto Vecchi]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BÖHMERWALD, Paula; CENDÓN, Beatriz Valadares. **Vantagens das Listas de Discussão como fonte de informação pessoal e profissional**. Encontros Biblio, 2º Semestre, n. 16, UFSC, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHIAPETTI, Jorge. **O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado: transformações e permanências na região cacauzeira da Bahia**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia)–Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137004P0/2009/chiapetti_j_dr_rcla.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 1. ed. São Paulo: Graal, 2006. [Ano da obra: 1968].

DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Redes, sociedades e territórios**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 1 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca Recuero; Daiani L. BARTH. Territorialidades virtuais: identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. In: ENCONTRO DA COMPÓS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** 2010. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Rev Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago. 2007.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 6774-6792.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; IEK, Slavoj; DAVIS, Mike et. al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993.

LENINE. **Aquilo que dá no coração**. [Letra de música].Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/lenine/131363/#selecoes/1685719/>>. Acesso: 10 out. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

MEIRA, Sílvio. Liberdade, dinheiro, neutralidade. **Terra Magazine**. 28 out. 2013. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/silviomeira/blog/2013/10/28/liberdade-dinheiro-neutralidade/>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Maria Cristina; TONELLA, Celene. A crise da região cacauzeira do Sul da Bahia/Brasil e a reconstrução da identidade dos cacauicultores em contexto de adversidades. **Geoiंगा**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 5, n. 1, p.77-101, 2013a. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoiंगा/article/view/20527>>. Acesso em: 31 out. 2013.

RANGEL, Maria Cristina; TONELLA, Celene. **Análise do território em Michel Foucault**: o território como *locus* do poder. Trabalho apresentado no X ENANPEGE – ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA. Campinas-SP, Universidade Estadual de Campinas, 7 –

10 out. 2013b. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2013/resumos_ap.php>. Acesso em: 31 out. 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VELLOSO, Ricardo Viana. **O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea**. Ci. Inf., Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008.